

CONCEDEI-NOS A TODOS O DOM DA PERSEVERANÇA E DA FIDELIDADE ATÉ O FIM.

Roma 15 de junho de 2014.  
Solenidade da Santíssima Trindade  
Caro confrade,  
Jesus, Maria, José!

*Que Deus Espírito Santo nos una sempre mais com o Filho ao Pai!*

***Tema: Formação inicial e permanente***

Na última circular por ocasião da Quaresma deste ano de 2014, considerei e compartilhei com vocês uma parte do discurso do Santo Padre a nós, superiores maiores, no encontro de novembro do ano passado, por ocasião da 82a. Assembléia da USG. Na ocasião anunciei que deixaria para a próxima circular o tema da formação inicial e permanente, o que procurarei fazer agora, incrementando uma pessoal reflexão sobre a fidelidade vocacional.

Que a formação dos consagrados seja uma exigência, hoje mais impelente que nunca, não é uma novidade para ninguém e que, como Vocacionistas, é questão de sobrevivência, é igualmente verdadeiro. Lembro-me que uma das perguntas ao questionário de preparação ao XIV Capítulo Geral foi *o que sugeres para que o nosso carisma seja verdadeiramente uma prioridade de vida para todos os nossos confrades e para cada uma das nossas comunidades*. A esta pergunta 94 confrades viram como oportuno tornar obrigatório para todos um curso de estudos para formadores vocacionais; 65 confrades propuseram que se tornasse obrigatório um retiro ou uma jornada de estudo vocacional, a cada mês, para todos os confrades; 63 confrades disseram que é necessário mais estudo teológico sobre a vocação. É verdade que nos acostumamos a entregar uma montanha de propostas a um capítulo geral e esperar outros seis anos para propor tantas outras, dando trabalho às tipografias, porém quando 222 religiosos indicam a formação como condição para que o carisma seja verdadeiramente uma prioridade de vida, nos obriga a repensar nossas prioridades.

Creio que o período que estamos vivendo, ou seja, o ano justiniano, seja um tempo de graça no qual não apenas estamos dando vida à várias iniciativas e manifestações, mas quer ser sobretudo, como lembrei na carta de indicação, um tempo particular para aprofundar o carisma de dom Justino a partir da sua experiência da ordenação sacerdotal. Este ano quer nos oferecer a possibilidade de reconhecer, com gratidão, o dom da vocação consagrada vocacionista à qual Deus nos chamou e que com alegria acolhemos. O ano justiniano está para se concluir porém deve continuar a ser um tempo favorável para redescobrir e revitalizar o dom e o empenho da fidelidade vocacional.

**O dom da nossa vocação**

*Somente Deus é o criador das almas, é o formador dos santos, é o autor das vocações* (Op. Omnia XXVI, 333).

A vocação não se escolhe, mas nos é dada; a única coisa que podemos fazer é reconhecê-la e acolhê-la. Se fôssemos nós a escolhê-la, não se trataria mais de vocação, mas de projeto que poderíamos sempre mudar. Com a profissão religiosa Deus confirma a aliança estabelecida conosco

por ocasião do batismo. Ele nos consagra a viver totalmente para Ele em comunidades fraternas, ao seguimento de CRISTO, obediente, pobre e casto, a serviço das vocações no meio do povo de Deus; nós respondemos à sua ação consagratória, com a oferta de nós mesmos. Ser fiel significa renovar a nossa resposta a esta especial aliança que Deus selou conosco. Para dom Justino, Deus, não apenas se regozija com a nossa resposta à sua iniciativa de consagrarnos mas em um certo modo se sente quase obrigado a nos dar e a nos favorecer sempre novas formas de união com Ele. *"Se cada um compreendesse como a cada consagração e relativos empenhos que o Senhor inspira, precede e corresponde infalivelmente, da parte do próprio Deus, um novo modo de pertencer à alma, de operar na alma, efeitos, sempre superiores de graça, cada um, sem perder tempo, faria sua todas as possíveis consagrações dos beatos e faria da sua vida uma síntese das consagrações (Opera Omnia IX, 222-223).*

É verdade que somos uma Congregação clerical mas somos antes de tudo uma congregação religiosa, ou seja, de consagrados, não de clericalistas (Cost.1). É igualmente verdade que as paróquias são um dos nossos campos de ação mas parece que ultimamente estamos nos focalizando quase, se não exclusivamente no apostolado paroquial, na manutenção das obras (muitas das quais se faz por fazer) e não estamos dando a devida atenção a quanto está acontecendo na vida dos confrades e que em certas situações nos entristece profundamente. Se intensifica sempre mais uma certa prioridade às coisas em detrimento das pessoas. O comportamento de certos vocacionistas-paroquialistas está passando aos mais jovens aquela falsa idéia que estão na congregação para garantir a continuidade e a manutenção destas últimas que aparecem como o único campo de ação.

Creio que deste ano justiniano deveremos continuar ou iniciar um processo que mire o reforçamento da fidelidade dos confrades tanto daqueles que se encontram na formação inicial como de todos nós, para os quais a formação permanente não é uma opção.

Se pensamos por um momento ao dia da nossa primeira profissão, a fórmula com a qual livremente aderimos à consagração da parte da Trindade Santa, requeria fidelidade a esta não para uma experiência provisória. A fórmula da profissão temporânea evidencia que se trata de uma escolha subjetivamente definitiva; nesta dizemos *me ofereço, consagro e comprometo totalmente convosco, enquanto com toda a minha mente e com todo o meu coração, com todas as minhas forças...* Mesmo se tratando de uma profissão temporânea, a intenção já inclui a perpetuidade, o "para sempre". Creio que devemos sempre considerar que a primeira profissão, pelo menos no nosso coração é já profissão perpétua. O Senhor nos elegeu, escolheu e chamou uma vez e basta, e para sempre, nesta nossa Congregação. Tal verdade deve ser considerada sobretudo na formação inicial e não deve ser esquecida durante a formação permanente. Considerando tais princípios, nos vem em mente também que a fidelidade vocacional não é isenta da possibilidade de infidelidade nas suas várias formas e que a falta da fidelidade não coincide com o abandono da consagração, mas é também útil recordar que favorecendo os processos de fidelidade, se podem superar de certa forma as infidelidades, tanto pessoais como comunitárias.

Pode suceder que em certas ocasiões nossa resposta pode ser incerta, débole, infiel, mas nem por isso a aliança de Deus conosco é anulada. Ele não retira a sua aliança. Deus não falha. A fidelidade de Deus é fundamento e reclamo à nossa fidelidade.

### ***Amor e fidelidade***

*Se nos persuadísemos que quanto mais nos damos ao amor tanto mais faremos aquilo que deve ser feito, realizaríamos um grande progresso, uma grande conquista espiritual (Opera Omnia XXVI, 359).*

A fidelidade à vocação é empenho de amor; é uma escolha livre que abraça toda a vida e a vida toda, até o fim. O empenho "para sempre" é uma exigência de amor. Tantas vezes escutamos a expressão "a medida do amor é não ter medida"; e assim foi e é o amor de Jesus que "tendo amado os seus que estavam no mundo lhes amou até o fim". Nas relações interpessoais o amor é empenho total e incondicionado; um amor parcial e provisório não é autêntico; colocar condição ao amor, por exemplo, um limite de tempo, esvazia o amor do seu significado. O amor requer totalidade e definitividade. Isto vale muito mais quando se trata do amor a Deus e a Jesus, um amor radical, total, para sempre, perpétuo.

Às vezes pode até surgir um interrogativo: é possível viver a fidelidade até o fim? Se confiássemos somente nas nossas forças humanas, é impossível que a resposta seja positiva. A fidelidade encontra o seu sustento e a sua razão de ser na fidelidade de Deus. Com a sua aliança Deus se une conosco como um partner confiável; não se trata pois do quanto dura nossa força mas do quanto dura a Sua e esta, como sabemos, dura para sempre. A história da salvação em outras palavras equivale a dizer *testemunho da fidelidade de Deus*. Deus é sempre fiel. Isto nos enche de confiança porque sabemos que não obstante a nossa fraqueza, Deus, que iniciou em nós a sua obra, a levará a bom termo; Deus não consentirá que sejamos tentados acima de nossas forças; a sua graça nos bastará. Não obstante nossas infidelidades ele permanece fiel porque não pode renegar a si mesmo. Os seus dons são irrevogáveis. A fidelidade de Deus torna possível a nossa fidelidade. Diante de tudo isso, podemos concluir com o Beato dom Justino que o segredo da felicidade é a fidelidade: *O segredo de uma perpétua e ascensional formação religiosa é a fidelidade, generosidade, docilidade, obediência, amor às santas inspirações, seja pela própria santificação seja pela dos outros, não existindo outro Espírito vivificador que o Consolador e Santificador (Opera Omnia I, 340)*.

Uma outra pergunta que nos poderia inquietar é: como podemos viver a fidelidade até o fim? Não podemos ter a certeza se o nosso empenho seja definitivo! A resposta está na perseverança do bom propósito de conservar a fidelidade cotidiana. E esta, com a graça de Deus, podemos conquistar. Eis porque dom Justino nos convida, desde o início da vida consagrada, a renovar todos os dias, os santos votos, depois da comunhão. Eis a força da oração pela santa perseverança que encontramos no devocionário para todos os meses e que, infelizmente, parece ser um daqueles atos que estamos perdendo de vista, pelo menos em algumas comunidades. Quando na profissão religiosa pronunciamos "para sempre", não estamos anunciando o que acontecerá, mas o que queremos que aconteça. Por isso é necessário garantir uma resposta a Deus, todos os dias e que desejamos que seja como o sim de Maria que não foi estático nem abstrato mas que se manifestou fecundo porque soube atravessar a vida deixando-se transformar. No sim de Maria encontramos o máximo da vontade junto ao máximo da confiança. Ela se entrega totalmente a Um outro. Não se permanece fiel ficando igual por toda a vida, mas aceitando, acolhendo e deixando-se surpreender pelas maravilhas que Deus opera na nossa existência.

Como permanecer fiéis e perseverantes vivendo em um mundo em contínua transformação e onde também nós mudamos? A resposta parece se encontrar naquela expressão muito usada pela vida consagrada nos nossos tempos: viver uma fidelidade *dinâmica e criativa*. Não se trata de permanecer fiéis mas de tornar-se fiéis. Professar em uma Congregação pela primeira vez é "como desenhar uma moldura ou um quadro, delimitando os confins e distinguindo o espaço interno daquele que permanece fora; este espaço deverá ser preenchido pelas decisões futuras, as quais serão qualificadas como bem sucedidas e verdadeiras, somente se estarão na mesma linha daquele primeiro ponto de partida livremente abraçado". É necessário enfrentar as novas circunstâncias realizando escolhas coerentes com o empenho inicial. Não será sempre fácil certamente; não se

pode descartar a possibilidade de infidelidades; poderá surgir a dúvida de ter errado estrada, de não ter entendido bem o que estava escolhendo, de não ter medido antes as dificuldades que encontraria, etc. Ninguém pode saber como será o futuro e conseqüentemente antecipar os problemas; não se pode ter um conhecimento completo de uma forma de vida antes de infiltrar-se e empenhar-se nesta; ninguém pode fazer experiência das diversas formas de vida e depois escolher aquela justa. A vida é uma contínua descoberta da escolha feita e um renovado empenho para vivê-la em plenitude.

Na nossa época a fidelidade não é percebida imediatamente como um valor e isso dificulta aquele processo de criar ou recriar a mentalidade da fidelidade. A cultura, sobretudo aquela pós moderna, enquanto apreça valores, como por exemplo a sinceridade da pessoa e a autenticidade dos seus relacionamentos, não favorece vínculos fortes. De outra parte, a fidelidade aparece como débil até mesmo nos modos de pensar e viver a vocação cristã e em particular a vocação à vida consagrada. Mesmo se as situações apresentam dificuldades e ameaças, é necessário sempre buscar as modalidades para transformá-las em oportunidades e recursos.

### **Escolhas em um click e mentalidade relativista**

*O ato fundamental, central e essencial da minha liberdade de vontade é a escolha; é a eleição que posso sempre fazer, quando se trata de viver, movimentar-me e agir entre todos os bens criados e relativos. Em frente ao bem criado e absoluto, não posso mais escolher, porque ele é um só. (Opera Omnia, IV, 86).*

Em tempos recentes o desenvolvimento acelerado da tecnologia, o papel central da atividade econômica e o enorme impacto dos meios de comunicação, contribuíram a uma notável mudança cultural da sociedade. Alguns aspectos da cultura ou das próprias culturas desafiam continuamente, ou melhor, ameaçam a fidelidade vocacional. Disso devemos tomar sempre mais consciência não para permanecer na trincheira da defesa mas para transformar tais desafios em ponto de partidas para agir. Na sociedade consumista a pessoa experimenta a *dificuldade de escolher*; geralmente é induzida a satisfazer aquilo que é imediato e de fácil acesso, hoje se diz *escolha em um click*; se acostuma a uma mentalidade do descartável. Até mesmo as convicções, os valores e os relacionamentos são considerados mercadorias a serem compradas, usadas e descartadas. Se consolida sempre mais a cultura do prazeroso, daquilo que me agrada e me satisfaz. Com esta mentalidade se uma escolha não me agrada ou requer dificuldades, posso naturalmente renunciar ou mudar. Se privilegia a realização exclusiva das próprias necessidades e interesses; se perde a estima pela fidelidade, pela verdade, pelos afetos duradouros; se negligenciam empenhos a longo prazo. Assim a pessoa corre o risco de tornar-se sempre mais psicologicamente frágil e imatura.

Um outro desafio é que se respira uma difusa *mentalidade relativista*. Temos uma imensa quantidade de imagens e opiniões. Faltando o tempo ou a capacidade de parar para refletir, corremos o risco de ser informados de todas as novidades, mas de viver superficialmente. Na época virtual parece que o distante é mais atrativo e assim arriscamos de alcançar os distantes isolando-se de quem está perto. A procura da verdade parece não interessar-nos porque tal empenho comporta esforço e o êxito é incerto. Não se sabe ou não vale apenas o esforço para distinguir aquilo que é essencial daquilo que é efêmero. Desta forma tudo se torna fluido, compondo o que alguns chamam, a sociedade "líquida". Vivendo em contínuas mudanças se tem medo de decidir-se, de empenhar-se. Se prefere viver "pontualmente" e empenhar-se no presente. Não se entende porque ligar-se a escolhas definitivas no início da juventude, quando não se tem nenhuma experiência do futuro. Se por acaso precedentemente assumí algum empenho, se justifica o abandono daquela escolha feita, dizendo "hoje vejo as coisas diversamente e amanhã poderei vê-las mais diferentes ainda".

Neste clima as decisões muitas vezes dependem mais das próprias opiniões imediatas, emotivas e desejos que tais motivações, convicções e valores mesmo que nos atráim, permaneçam na esfera do

fácil entusiasmo e da espontaneidade. Uma forte impressão pode chegar até mesmo a provocar mudanças radicais e improvisas nas escolhas de vida, sem avaliar as consequências. Aquilo que é importante é superar a situação de mal estar na qual nos encontramos ou alcançar um bem esperado, mesmo se não garantido. Diminui, deste modo, a capacidade de saber esperar, de renunciar, de sacrificar-se em vista dos bens futuros e duradouros. Tudo e logo, com vencimento datado ao tempo que me provoca bem estar e emoção; mas a coisa mais grave é que pretendemos que também os outros e as estruturas mudem ou se adaptem ao meu modo de ser e pensar, porque quero que seja assim, gosto que seja assim e me convém que seja assim, porque é assim que necessito que seja. Torna-se pesante aceitar a cruz do cotidiano, a responsabilidade por um ofício que requer empenho, a disciplina, a ascética, o auto controle, e conseqüentemente se rende facilmente frente às dificuldades. Nasce espontaneamente a pergunta: como permanecer fiéis à vocação consagrada em um tempo de mudanças radicais e transformações rápidas?

### **Superficialidade espiritual, perda da paixão apostólica, falta de fraternidade**

*O jovem que se forma ao apostolado deve também treinar-se ao apostolado. Não basta a formação intelectual, é necessária também e mais ainda aquela moral da virtude; a uma e à outra deve ser unida a formação prática, apostólica, com o exercício pelo menos inicial das várias obras que caberão a ele amanhã (Opera Omnia I, 286).*

Existem, além dos aspectos culturais, também motivos internos à vida consagrada que a fragilizam. Isto acontece especialmente quando se enfraquece ou até mesmo se perde o senso da própria identidade de pessoa consagrada, que é chamada a viver como “memória vivente do modo de existir e de agir de Jesus”, no meio do povo de Deus. Se a vida consagrada não é vivida de modo profético, a mística do primado de Deus, o serviço aos mais pobres, a fraternidade da comunhão, não só perde a própria identidade, mas chega a colocar em risco a fidelidade do consagrado. Não creio que seja difícil individualizar, a olho nu, pelo menos três motivos neste processo: superficialidade na vida espiritual, perda da paixão apostólica, falta de fraternidade.

A vida consagrada requer uma experiência intensa de fé e vida espiritual, que envolva a existência, que conceda o primado a Deus, que faça experimentar o amor da Trindade Santa, que encha o coração de paixão apostólica. Quando porém *a vida espiritual é vivida de forma superficial*, a experiência da intimidade com Deus aparece marginal ou perde totalmente a sua força mística, os valores da vida consagrada não são interiorizados a tal ponto de penetrar no coração a nível de afetos, sentimentos, convicções e motivações. Desta forma se pode viver de forma exterior a oração, a obediência, a pobreza e a castidade e tudo o que diz respeito à vida comunitária; aparentemente pode até funcionar mas não custa muito perceber que se trata somente de uma observância formal e pra dizer a verdade, percebo que em alguns religiosos não sobreviveu nem mesmo a observância externa. Quando não se vive com autenticidade a radicalidade evangélica, a vocação de vida consagrada progressivamente vai perdendo o sentido.

Como consequência, com o tempo, se perde também *a paixão apostólica*, se dissolve a capacidade de gratuidade e generosidade, se sente o cansaço espiritual e psicológico. O trabalho pelas vocações, a atenção vocacional nos campos de ação ou o vocacionalizar todo nosso apostolado cessa de ser uma presença animadora e evangelizadora; muitas vezes tais tarefas são feitas somente pelo dever ou porque tem uma prestação de contas a ser feita ou até um certo proveito pessoal. Alguns confrades, por causa da falta de um redimensionamento das obras, do envelhecimento ou da falta de vocações, se encontram carregados de excessivo trabalho e nem sempre satisfatórios, outros se desencorajam pelo próprio senso de incapacidade ou pelos escassos resultados; desta forma não é difícil entender os motivos de uma certa frustração apostólica. Quase não se vê entre nós aquele dinamismo, lance e criatividade que deveriam ser parte do DNA de um consagrado. E quando o

empenho apostólico perde o significado devemos nos interrogar seriamente sobre o sentido da própria vocação.

Se depois se experimenta a *falta da vida fraterna* é sinal que a prevalecer é o individualismo; isto leva o confrade a se distanciar da comunidade, a criar, seguir e cultivar somente projetos pessoais, destacados da Congregação e às vezes traindo o carisma; em outras palavras, religiosos que formalmente pertencem à Congregação mas o coração e os interesses estão longe da Família Religiosa, vivem o próprio mundo. Assim sendo se estraga o espírito de família e o sentido da pertença. Os encontros comunitários, quando são feitos, quase sempre se reduzem ao formalismo. Muitos chegam até a reclamar um contato humano profundo, mas são os mesmos que se comportam muito mais como empregados de uma empresa que como consagrados para uma missão. Gradualmente, conscientes ou não, estamos caminhando encontro a um certo aborguesamento, a uma certa superficialidade e mediocridade que, continuando assim, daqui há pouco não significaremos mais nada para as pessoas que esperam de um consagrado qualquer pitada de sal que fará a diferença. Existe uma fuga da ascese e uma adesão desenfreada à vida fácil, acumulando dinheiro, contas pessoais, busca do último lançamento tecnológico (smartphone, tablet, computer) carros custosos, etc. Se perde a confiança no carisma. Faltando um ambiente vital em comunidade, alguns começam a encontrá-lo fora. A vida consagrada chega hoje a ser vista como um peso e a fidelidade começa a manifestar problema.

Existem ainda outros fatores que acentuam as dificuldades: em tempos passados a pessoa consagrada gozava de um certo prestígio; isso facilitava a fidelidade, mesmo nos casos nos quais o indivíduo se sentia frágil ou menos seguro na vocação. Hoje a Igreja aparece um tanto menos crível e a imagem da pessoa consagrada aparece menos estimulante; neste caso sobra pouco espaço e escasso reconhecimento pelo seu papel; muitas vezes o consagrado ou a consagrada hoje se depara com indiferença, desinteresse e apatia no que diz respeito à sua pessoa. E mais; nas sociedades secularizadas, a religião tende cada vez mais a ser relegada à esfera do privado. Superar tal clima requer coragem e um nível mais alto de maturidade vocacional em comparação com outros tempos, mas infelizmente nem todos estão atentos aos sinais dos tempos.

### **Formação à perseverança fiel**

*A perseverança final é como o resultado da perseverança cotidiana, e a perseverança geral é o resultante das perseveranças particulares (Opera Omnia V, 199).*

A vocação é um dom inestimável, mas é também “um tesouro em vasos de argila”; é necessário pois empenhar-se totalmente para “reavivar” continuamente com a fidelidade. Justamente porque está exposta aos riscos e ameaças da mentalidade e dos frágeis estilos de vida mas especialmente à nossa condição de fraqueza, a fidelidade é uma realidade que deve ser vivida no seu cotidiano. Esta se nutre de vigilância, prudência e atenção, mas tem também necessidade de ser cultivada e sustentada.

### **No tempo da formação inicial**

*Nada favorece tanto à formação espiritual quanto a experiência pessoal daquele que recebeu muito do Senhor, uma vez que foi muito fiel à graça (Opera Omnia VI, 41).*

A experiência hodierna nos ensina a dar importância ao mundo interior da pessoa, com seus afetos, suas emoções e seus sentimentos, mas também com seus comportamentos, suas motivações e convicções. Para isso é necessário um trabalho de personalização que deve acompanhar todo o processo formativo, começando justamente da formação inicial que deve dispor-se a “alcançar a pessoa em profundidade”. Eis então alguns aspectos da experiência de formação inicial, que

favorecem uma vida de fidelidade: antes de tudo, desde os primeiros passos da formação, o processo da **maturidade humana** merece grandíssima atenção. A escassa estima de si, por exemplo, faz sentir a pessoa pouco compreendida, pouco apreçada e amada pelos outros; quando não recebe suficiente afeto e consideração, esta vive com dificuldade e facilmente se fecha; isto explica alguns problemas conexos com a prática da castidade, que acaba influenciando a fidelidade. É necessário pois que o formando enquanto vai descobrindo a presença de Deus na própria história, faça atenção àquilo que vive no profundo de si mesmo, não abafando problemas pessoais, interrogações, incertezas, complexos; recorrendo pois ao acompanhamento espiritual como também àquele psicológico. A formação nesta etapa inicial deve mirar sobretudo em preparar pessoas com tal maturidade psicológica e afetiva a ponto de adquirir aquela capacidade de viver serenamente a castidade; isto fortalece a fidelidade.

Porque o amor ocupa um lugar central na vida, a formação afetiva e casta reclama por si mesma uma profunda **vida espiritual** que há como meta transformar a pessoa em um enamorado da Trindade, de Maria, de dom Justino. Sentindo e relacionando-se com Jesus ressuscitado como um “amigo” este “grande amor vivo e pessoal” por Ele, torna-se o centro unificador da vida do formando. Ele assume gradualmente os sentimentos de Jesus, descobre o sentido e a beleza do dom total de si a Deus Trindade na vida consagrada vocacionista, experimenta um forte senso de pertença à Igreja na Congregação, nutre um atacamento a dom Justino e um forte entusiasmo pela Congregação. *É o amor que faz viver a fidelidade à vocação.* Para isso é necessário favorecer uma grande mudança na praxe formativa e ajudar o formando a assumir a capacidade de oração pessoal, iniciando com a meditação cotidiana, feita pelo menos por meia hora, preferencialmente na forma das três vias ou da lectio divina, a constante visita de adoração a Jesus sacramentado, a confissão e outros meios de santificação até alcançar a divina união com Deus Trindade. Não devemos esquecer a consagração pessoal a Maria que comporta em si uma forte conotação afetiva que sustenta castidade e fidelidade.

O Papa tem dado uma especial atenção ao problema da formação, consciente que não é tarefa fácil mas que requer um novo modo de atuar. No tocante aos problemas inerentes à formação ele tem dito que *não se resolvem os problemas simplesmente proibindo de fazer isso ou aquilo. É necessário muito diálogo, muito confronto. Para evitar os problemas, em algumas casas de formação, os jovens apertam os dentes, evitam cometer erros evidentes, seguem as regras com muitos sorrisos, na esperança que um dia se diga; “muito bem, terminaste a formação”. Isto é hipocrisia, fruto de um clericalismo, que é um dos males mais terríveis. Eu o sintetizo em um conselho que recebi uma vez, quando era jovem: “se queres ir pra frente, pensas claramente e fales obscuramente”. Era um claro convite à hipocrisia. É necessário evitá-la, custe o que custar.* No Rio de Janeiro o Papa identificou no clericalismo uma das causas da falta de maturidade e de liberdade cristã do povo de Deus. Neste sentido *o seminário deve ser dividido em comunidades com formadores capazes de seguir verdadeiramente as pessoas. O diálogo deve ser sério, sem medo, sincero. É necessário considerar que a linguagem dos jovens em formação hoje é diversa daquela dos que lhes precederam. Vivemos uma mudança de época. A formação é uma obra artesanal, não policial. Devemos formar o coração. Caso contrário formamos pequenos monstros. E depois estes pequenos monstros formam o povo de Deus. Só em pensar nisso me faz arrepiar ».*

A formação inicial, que é o processo de identificação com a vocação consagrada vocacionista, tende a formar discípulos e apóstolos de Jesus, segundo o estilo de dom Justino; o seu centro é pois a vida espiritual e o **empenho apostólico**. O amor pelo Senhor se converte em paixão apostólica que inspira entusiasmo no formando. E isto ajuda a sustentar a sua fidelidade.

O Papa insiste que a formação deve ser orientada não somente ao crescimento pessoal, mas à sua prospectiva final: o povo de Deus: *Formando as pessoas, é necessário pensar nos fiéis, àqueles aos quais serão enviados. É necessário pensar sempre nos fiéis, no fiel povo de Deus. É necessário*

*formar pessoas que sejam testemunhas da ressurreição de Jesus. O formador deve pensar que a pessoa em formação será chamada a cuidar do povo de Deus. Precisa sempre pensar no povo de Deus, dentro do povo de Deus. Penso, por exemplo naqueles religiosos que têm um coração azedo como o vinagre: não foram feitos para o povo de Deus. Em outras palavras, não devemos formar administradores, gestores, mas pais, irmãos, companheiros de viagem.*

O Papa, finalmente, quis colocar em evidência um ulterior risco: *se um jovem que foi convidado a deixar um instituto religioso por causa de problemas na formação e por sérios motivos, será depois aceitado em um seminário ou vice versa, este é um outro grande problema. Não estou falando de pessoas que se reconhecem pecadoras: todos somos pecadores, mas nem todos somos corruptos. Se aceitam os pecadores mas não os corruptos .*

O mesmo amor motiva a **formação intelectual**. Cheio de paixão apostólica, o formando reconhece a necessidade de preparar-se para o serviço pastoral. Ele encontra na formação intelectual uma base sólida para a sua vida espiritual; adquire conhecimento e competência para a sua missão vocacionista; se forma uma mentalidade coerente com a vocação. Ao mesmo tempo valoriza os aspectos positivos da modernidade e da pós modernidade e se prepara a não desencorajar-se diante das tendências relativistas da cultura e do desorientamento moral. Por isso a formação intelectual deve ajudar na mudança de mentalidade e, se quer incidir nas motivações e convicções do formando, deve assumir também uma conotação afetiva.

Hoje somos mais conscientes da importância da formação inicial; por isso estamos procurando investir ao máximo na formação dos formandos e formadores. Estamos continuando com as escolas de formação, as jornadas de estudos, o pequeno noviciado, o magistério, programa de preparação para os ordenandos e professos perpétuos, a formação dos formadores, etc. Além disso estamos dando alguns passos na melhoria dos conteúdos e das metodologias formativas, reformulando as comunidades de formação, escolhendo confrades para a formação e enviando-os para frequentarem cursos de preparação. Enquanto agradeço o conselheiro para a formação por este trabalho que está realizando, incentivo-o a avançar sempre mais.

Por mais que a formação inicial seja necessária, boa e sólida, somos conscientes que na vida existem contínuas e imprevisíveis mudanças; conseqüentemente esta se sente interpelada a desenvolver no formando a capacidade de viver a vocação na fidelidade criativa, ou seja, a assumir uma **mentalidade de formação permanente**. “A formação inicial deve fundir-se com aquela permanente, criando no sujeito a disponibilidade a deixar-se formar a cada dia da vida”. Por isso é necessário que o formando robusteça a sua capacidade de auto formação, atento porém a não alimentar o individualismo nos próprios percursos formativos.

### **No tempo da formação permanente**

*É absolutamente necessário alcançar e conservar um caráter de perpétua formação, evitando qualquer forma de estacionamento, seja no espírito seja nas obras, seja nos locais seja no pessoal, em tudo (Opera Omnia, I, 339).*

Um grande sustento na fidelidade vocacional é a formação permanente; essa de fato ajuda a frontear os desafios provenientes da cultura que muda e da pessoa que evolui ao longo da vida. Na Congregação acredito que esta deve ser melhor cuidada.

No mesmo questionário em preparação ao XIV Capítulo Geral os confrades pediram que se investisse *em elementos formativos qualificados na formação dos religiosos não só no itinerário inicial mas também naquele permanente. Só assim se pode chegar a uma cultura vocacional que nos torne na prática, mais vocacionistas.*



Queremos sugerir, agora, alguns aspectos a nível pessoal, comunitário, bem como de províncias, delegações, missões, que podem favorecer a fidelidade.

## **Empenho pessoal**

*Toda consagração é, ao mesmo tempo, um lance em avante e um empenho a perseverar naquele lance (Opera Omnia VI, 337).*

A formação permanente é confiada em primeiro lugar à responsabilidade pessoal. É necessário a disposição e o empenho pessoal de querer crescer na própria vocação. “Toda formação é, no fim das contas, uma *auto formação*. Ninguém, de fato, pode nos substituir na livre responsabilidade que temos como indivíduos”. Infelizmente pode suceder que, nos primeiros anos de plena inserção apostólica, conscientes ou inconscientes, entregando-se demasiadamente ao trabalho, nos expomos a alguns perigos como a mesmice, o ativismo, a desmotivação. É necessário pois o empenho pessoal que sabe utilizar todas as oportunidades que encontramos na nossa vida, para manter vivo em nós o desejo de crescer e de ser fiéis; a animação comunitária, o clima de oração, a paixão apostólica, o estudo, os relacionamentos fraternos, etc, são situações que devem ser valorizadas.

Um dos meios mais eficaz para proteger e manter a fidelidade vocacional é a **vida espiritual**. O nosso coração foi feito para amar e ser amado; abraçando a vida consagrada, demos o nosso coração ao Senhor em resposta ao amor que Dele recebemos. A Eucaristia, a Reconciliação, a meditação, a devoção à Virgem Maria, a oração pessoal, a união com a Trindade, são algumas, entre as tantas expressões fundamentais da nossa vida espiritual. A oração é como o óleo com o qual mantemos acesa a lâmpada do nosso amor pelo Senhor Jesus e alimentamos a alegria de viver a nossa vocação como Vocacionistas; mas quando esta falta, se enfraquece a chama do amor e nos encontramos expostos às “tentações” que ameaçam a fidelidade.

Conjuntamente à vida espiritual e como um dos seus frutos, vem a **paixão apostólica**. Se trata de um zelo pastoral inspirado no amor pelo Senhor Jesus e pelo carisma de dom Justino, que nos faz procurar em tudo *a glória de Deus e a salvação das almas*. A paixão apostólica invoca o melhor que temos em nós: o amor pelas vocações e pelo Povo de Deus, a generosidade, a dedicação, a criatividade, a comunhão com os outros operadores pastorais mas também o espírito de sacrifício, a ascese, a auto disciplina. Essa purifica as nossas motivações, nos preserva do desencorajamento nos momentos de dificuldades; em troca, nos enche de alegria e satisfação pelas vocações.

Não obstante tudo isso, uma crise vocacional é sempre possível. Essa não chega improvisamente, mas se desenvolve progressivamente; pode ser em referência à vida de fé, ao cansaço psicológico, à frustração apostólica, à perda de motivações. Muitas vezes tal crise afeta o campo da **afetividade** e **castidade**; se começa com pequenos cedimentos e gratificações que no começo parecem lícitos e inócuos mas que gradualmente se transformam em hábitos e comportamentos ambíguos até ao ponto de transformar-se em crise vocacional. Porém até mesmo nestes momentos é possível voltar atrás e retomar uma vida fiel. Tais situações não são irreversíveis. É importante reconhecer que somos frágeis e que não podemos nunca presumir-se de nossas forças. Exatamente por isso devemos exercitar prudência e vigilância e procurar acostumar-se com auto disciplina e auto controle. Neste âmbito é importantíssimo a sinceridade com nós mesmos e com um diretor espiritual. É necessário a coragem de confrontar-nos honestamente diante de Deus, de reconhecer em nós sentimentos, comportamentos e atitudes que não são coerentes. Isto revela uma assunção de responsabilidades para a nossa vida e vocação e certa seriedade em querer viver feliz aquele estilo de vida livremente abraçado.

## Cuidado comunitário

*Para cada pessoa, mas especialmente para quem vive em comunidade, muito mais de quem vive em família, é necessário a plena caridade fraterna com toda sua docilidade interna e externa. É ali que a deves praticar, irradiar, inculcar aos Vocacionistas, seja para sua edificação, seja para o seu apostolado (Opera Omnia X, 203).*

A comunidade é de grande sustento para a fidelidade, encontrando-se lado a lado com os confrades nas suas situações concretas. A comunidade pode possuir fraquezas e limitações, mas possui também **elementos vitais** que a tornam o lugar privilegiado para frontear os desafios da fragilidade vocacional dos formandos e as dificuldades da fidelidade vocacional nos confrades de qualquer idade. Uma realidade viva, vital e vivaz suscita interesse, fascinação, atração, mas sobretudo gera fecundidade, autenticidade, totalidade de resposta. A vida gera vida. Portanto a fim que a comunidade ajude os confrades a viver criativamente a fidelidade, é necessário potencializar os elementos vitais que já se encontram nesta, ou seja, a sua capacidade de oferecer um testemunho profético, de atrair vocações, de reforçar o sentido da pertença, de mobilizar os confrades para tarefas e formas de vida comunitária, comunicativa e participativa, de envolver leigos e jovens, de fazer crescer o próprio significado de Vocacionistalidade na diocese, paróquia ou zona onde operamos.

Entre os seus elementos vitais, um dos quais se concentra grande recurso para a fidelidade é o **estilo de vida e de trabalho**. A acolhida e a alegria de estar juntos deve fazer com que cada um se sinta amado, apreçado e valorizado. Existe toda uma riqueza de relacionamento a ser descoberta, recebida e intensificada. O espírito de família cria uma mentalidade de conjunto, tanto na busca como no discernimento e na formação inicial e permanente. O clima de fé e de oração reforça as motivações interiores e dispõe a viver com radicalidade evangélica e dedicação apostólica; uma sadia e boa impostação dos trabalhos de conjunto e dos projetos comunitários e pastorais favorece o crescimento, melhora a ação apostólica, faz evitar o stress e a ânsia. E se alguém viesse a se encontrar em dificuldades, o senso de responsabilidade recíproca dos confrades saberá intuir seus primeiros sinais de alerta. Nestes momentos devem entrar em ação a amizade, a compreensão, a solidariedade. Um belo exemplo de vida comum ajuda tanto na superação dos que atrasam o passo.

A este ponto faço uma pergunta: Por que alguns confrades encontram tantas dificuldades em programar juntos as atividades? Tenho visto com tanto prazer que em algumas comunidades onde os confrades se sentam uma vez por semana para revisar, programar, compartilhar e distribuir as atividades pastorais e comunitárias, a coisa funciona e funciona bem. Desta forma não apenas se dá um rosto congregacional às ações comunitárias e pastorais, mas facilita aquele suporte e conhecimento do outro, evitando o personalismo, o individualismo, o estrelismo, o centralismo, a concentração. Por que não tornar normal tal comportamento que deve ser natural e não uma exceção? Caro confrade! Por que não tomar iniciativas que evitem o isolamento, o fechamento, a indiferença? O superior deve ser o primeiro animador deste espírito de comunhão. Também eu me dei conta que, com conselheiros distantes, mesmo realizando algumas atividades, não poderão responder satisfatoriamente à missão que o Capítulo Geral nos confiou, ou seja, a animação da Congregação neste sexênio. Eis porque pedi a todos eles que deixem as atuais residências e se transfiram para a Cúria geral em Roma, a partir do próximo mês de setembro. Coisa naturalíssima para quem se dispôs a prestar um serviço à Mãe Congregação.

Um outro aspecto não de menor importância é também o empenho que a comunidade assume para ajudar os confrades a aprofundar a **identidade da vida consagrada Vocacionista**. A comunidade favorece a atualização na vocacionistalidade, a reflexão sobre as Constituições, o estudo das atividades pastorais, a aquisição de novos investimentos na pastoral paroquial, vocacional, juvenil, catequética e na comunicação do carisma. Desta forma os confrades vivem uma profunda

experiência de reconhecimento a Deus pelo dom da vocação, sentem orgulhosos de ser membros da Congregação e filhos de dom Justino, experimentam alegria, entusiasmo e empenho no campo das vocações.

Em tudo isso contribui decisivamente a maneira de exercitar o **serviço da autoridade**. O superior se empenha em criar um clima de acolhida e respeito por cada confrade, de forma que cada um se sinta verdadeiramente em sua casa, mantendo um contato familiar em um cotidiano clima de confiança, abertura e compreensão, fruto e consequência daquele relacionamento de “pai, irmão e amigo”. Deve ser papel do superior a preocupação em manter os confrades unidos na fraternidade e na corresponsabilidade. Deve demonstrar solidariedade por quem sofre, por quem se sente só, às margens, ou em dificuldades. Com o colóquio e a partilha espiritual, este ajuda os confrades a viver uma afetividade madura, a assumir a responsabilidade pela própria formação, a encontrar a alegria do relacionamento amistoso com a Trindade Santa, a fazer bom uso do tempo e dos meios de comunicação social, a projetar a própria vida pessoal e enfrentar com otimismo as dificuldades da ação pastoral. O superior não deve ser o manager, administrador ou o patrão da comunidade, concentrando tudo sobre si. A sua primeira tarefa é aquela de ser animador porque é a ele que os confrades são confiados. A sua animação deve garantir um bom nível de vida espiritual e pastoral na comunidade, cuidando especialmente da oração e ascese comunitárias, da partilha fraterna, do exercício do apostolado.

### **Responsabilidade do Governo Geral, Províncias, Delegações e Missões**

*O trabalho da santificação universal requer a colaboração de muitos, ou melhor, de todos, porque todos devem corresponder ao divino amor, criador, salvador, santificador (Opera Omnia XXV, 55).*

O padre geral e os conselheiros, as províncias, delegações e missões assumem um papel de suma importância no favorecer a fidelidade dos confrades, enquanto infundem neles sobretudo o **senso de pertença**. A fraternidade deve ser experimentada especialmente em ocasião das profissões, ordenações, aniversários, eventos da Congregação, etc. A solidariedade em casos de doença, a aproximação nos momentos de percas de familiares, são provas de afeto para com os confrades e vínculo que unem uns aos outros. É importante que o relacionamento entre os confrades e com a autoridade seja sereno. Os confrades devem ser envolvidos nos processos de discernimento em vista de escolhas e decisões importantes. Deve ser visível entre nós aquela tão desejada “mentalidade vocacionista” ou “cultura vocacionista” se queremos ser coerentes com a identidade da nossa particular vida de consagrados e consagrados nesta Congregação.

Ao mesmo tempo é de grande importância e de válida ajuda para o crescimento e a fidelidade dos confrades, **a formação permanente**. Em um mundo que muda rapidamente e onde as pessoas se evoluem com o passar dos anos, “a formação contínua ajuda o religioso a integrar crescimento dinâmico e fidelidade nas circunstâncias concretas da existência”. É muito útil, neste sentido, uma boa animação em diversos níveis, oferecendo várias oportunidades para o crescimento e o renovamento espiritual e pastoral dos confrades. Merece uma particular atenção os confrades recém ordenados, uma vez que nem sempre é fácil a passagem de uma vida organizada e acompanhada nas comunidades formativas, à plena inserção no trabalho pastoral. Isso exige um repensar as modalidades de inserção e de acompanhamento destes irmãos. Pelo momento tomamos a decisão, como conselho, que depois do certificado de bacharel em teologia, um requisito que vale para todos, antes de serem ordenados sacerdotes, se faça, como presbítero, uma experiência pastoral de pelo menos dois anos em um dos nossos campos de ação e depois se pode pedir para fazer o mestrado ou uma outra especialização, levando em conta sempre as exigências da Congregação e sempre em comum acordo com os respectivos superiores (conselheiro para a formação geral e/ou provincial).

Enfim é relevante o modo com o qual se desenvolve a **missão no território**. Isto exerce de fato um influxo considerável na fidelidade dos confrades. Por isso é importante que eles possam dedicar-se

à animação vocacional, aos cuidados do rebanho confiado à Congregação, aos jovens e especialmente aos mais necessitados, penhorando os próprios dons e capacidades a serviço da vida e da esperança, sempre atentos a não fazer apologia à custa dos pobres, mas estando com eles, e vivendo como eles. Tudo isso em nome da Congregação e da comunidade de pertença e não como propriedades privadas. O importante é viver e trabalhar juntos, em comunidade, em quantidade mas sobretudo em qualidade para garantir a consistência; como irmãos consagrados plenamente dedicados a Deus e por Ele sustentados. É importante também que as forças presentes na comunidade sejam adequadas para realizar um apostolado sereno e eficaz que dê testemunho, que atraia vocações, que envolva colaboradores. A missão ocupa um lugar central na vida dos confrades e constitui um estímulo para a fidelidade vocacional destes. Estou cada vez mais convicto que se quisermos garantir a felicidade ou pelo menos a serenidade dos confrades, é necessário empenharmo-nos naquele processo que alguém chama de “*redesenho das nossas presenças*” fazendo atenção aos processos de *re-significação*, *re-dimensionamento* e *re-colocação*. Tal empreendimento, que requer coragem e ousadia, mira não tanto a iniciar obras ou continuar com as que temos, mesmo que sejam importantes, mas sobretudo garantir uma melhor qualidade pastoral da presença vocacionista no território, porque somente desta forma poderemos nos certificar que o carisma vocacionista sobreviverá. Será este um dos argumentos que trataremos na assembleia geral com os provinciais, delegados e responsáveis pelas missões com o governo geral de 10 a 19 de setembro em Pianura.

### **Concluindo, quero lhes propor quatro pistas de reflexão e confronto:**

1. **O confrade**, seja na formação inicial seja naquela permanente, reflita pessoalmente sobre estas orientações; reveja a própria vida atual, avaliando-a do ponto de vista da fidelidade vocacional e colocando no projeto pessoal de vida, aquilo que pode ajudá-lo a viver na fidelidade.
2. **A comunidade local** proponha momentos de partilha nos quais se reflita sobre sua vitalidade, sobre como se vive a vocação consagrada vocacionista e sobre a ajuda que oferece aos seus membros como meio de facilitar a vida na fidelidade.
3. **A comunidade formadora** se interrogue sobre o que está fazendo para assumir uma mentalidade de fidelidade vocacional e de formação permanente.
4. **As províncias, delegações e missões** reflitam sobre a impostação da formação inicial e permanente e sobre os meios usados ou que podem ser usados no intuito de reforçar a fidelidade vocacional. Reflitam também como envolver os confrades e as comunidades locais, sobretudo as comunidades de formação neste processo inerente à fidelidade.

Recordo-lhes alguns dos próximos eventos de Congregação:

#### **2 de agosto, festa litúrgica do Pai Fundador**

Em Pianura terá lugar a celebração eucarística, às 18:30, na qual oito dos nossos jovens em formação emitirão a profissão perpétua: Anselmus Meze Nai, Christian Suriano, Fabianus Hane Seran, Francisco Gatdula, Innocent Ofeimun Osaremen, Marselinus Abur, Rodolphe Mupa Mbuta, Vitalis Barik.

#### **20 de setembro, Conclusão do Ano Justiniano**

Em Pianura, às 17:30, solene celebração Eucarística presidida pelo Eminentíssimo Cardeal João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de Vida apostólica, com a participação dos Bispos das Diocezes nas quais atuamos. Durante a

celebração, 12 confrades diáconos, provenientes de alguns países onde estamos presentes, serão ordenados sacerdotes: EMILIANO PIRAN VARGAS (*Argentina*), EDWAR URREA (*Colômbia*), FRANCOIS RASOANAIVO E GABRIEL FENO (*Madagascar*), GIUSEPPE SURACE (*Itália*), LUIGIMORRONE (*Gran Bretanha*), MAGNUS ONYEULOR E PAUL OLOGUN (*Nigéria*), OLIVER MANINGO (*Indonésia*), JOHN VILLARET (*Filipinas*), WILSON LIMA OLIVEIRA (*Brasil*) e VIPIN Kollannoor (*Índia*).

Agradeço aos confrades que vivem no exterior e que estão já se mobilizando para participar da celebração de conclusão deste ano jubilar.

Os confrades da Itália a serviço das paróquias são convidados desde agora a organizar-se para que seja garantida a presença pelo menos de um representante por comunidade. Procurem encontrar um substituto para a celebração da Missa paroquial do dia 20 de setembro ou se caso seja impossível, autorizo a suspensão da Missa pré festiva, dando prévia comunicação à cúria diocesana.

Na alegria do reencontro neste evento especial de família, desejo a todos uma santa solenidade da Santíssima Trindade.

P. Antonio Rafael do Nascimento, sdv